

## A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO

Camila Cuencas Funari Mendes e Silva

Universidade Estadual Paulista – UNESP/ASSIS -Brasil [camila\\_cfms@hotmail.com](mailto:camila_cfms@hotmail.com)

Flávio Ribeiro de Oliveira

Universidade Estadual Paulista – UNESP/ASSIS – Brasil [fkoliveira@gmail.com](mailto:fkoliveira@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho analisa o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice tem sua história e, esta é (e foi) constituída em cada época e em cada cultura de forma diferente. Este trabalho reúne narrativas de idosas participantes de um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI/UNESP- Campus de Assis/SP), sobre seus corpos envelhecidos e usa como pressupostos teóricos autores da psicologia, antropologia e ciências sociais, reunindo diferentes campos de saber que nos permitem refletir sobre o que está em cena: o corpo envelhecido, composto pelo desejo, pelo sofrimento, por renúncias. Corpo que abriga e compõe junto com sua realidade social e cultural uma subjetividade em constante desenvolvimento. A estética tem grande valorização em nossa sociedade, preconizando e definindo o humano a beleza dos corpos, a capacidade produtiva, a força, a independência e ao poder aquisitivo. A velhice – e as diferentes faces do envelhecer, nesse contexto – passam a significar uma resistência frente a uma sociedade individualista, narcísica, que exige que a idosa seja principalmente bela e jovem. Nesse cenário, há que se refletir e tecer uma análise crítica sobre as vivências do envelhecimento feminino, seus efeitos na subjetividade no contemporâneo. Para fornecer uma estrutura clara e objetiva ao leitor, organizamos as narrativas colhidas em Oficinas terapêuticas em temáticas e, em seguida, trouxemos nossa análise e as referenciamos.

**Palavras chave:** Envelhecimento Feminino; Contemporâneo; Narrativas.

### Introdução

“A vida é breve, mas cabe nela muito mais que somos capazes de viver.” “Nem a juventude sabe o que pode nem a velhice pode o que sabe”. Tais frases são referências de José Saramago e com elas introduzimos a questão na velhice na cena atual.

As impressões e expressões da passagem do tempo, no contemporâneo, são associadas à velocidade; seja pela presença maciça e tão significativa do avanço tecnológico e dos interesses capitalistas que geram pessoas, desejos e manufaturas, seja pela imediatez que se apresenta em nossos dias, tal qual um líquido que escorre pelas mãos e evapora em um curto espaço de tempo (BAUMAN, 2007).

Diante dessa ideologia produtivista a velhice é facilmente relacionada a decrepitude, fragilidade, pobreza e a privação. Sobre esta questão, Correa (2009, p. 28) afirma:

Atualmente, a regra é não envelhecer. Não somente a velhice por si só é indesejável, mas a finitude humana também o é. Por isso, o envelhecimento permaneceu na orla social por tanto tempo como uma espécie de tabu, da ordem de um interdito em relação ao qual o silêncio seria o melhor aliado.

Ideais de uma estética de eterna juventude associam a felicidade, saúde e bem estar a cremes e procedimentos de congelamento do tempo, e, com eles temos a desvalorização da velhice concretizadas no corpo através de inovações tecno-científicas de poder, que controlam corpos e subjetividades. (DEBERT, 1999; TÓTORA, 2010; POCAHY, 2011).

Tais movimentos são direcionados em sua maioria a mulheres, e aqui se faz um campo específico de nossa análise: o olhar ao envelhecer através de um recorte de gênero. O estudo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa) de 2010 ressalta uma maior predominância de mulheres e igualmente mais envelhecidas. Elas representam 55,7% da população idosa: um dado comparativo ilustra que, para cada 100 mulheres idosas, há 81,6 homens idosos. Esse fator é denominado por estudiosos como a “feminização da velhice”, enfatizando-se a necessidade de estudos de gênero, devido a seu caráter multifacetado para o fenômeno do envelhecimento (CAMARANO, 2003; NERI, 2014).

O cenário contemporâneo traz para a velhice desafios e possibilidades para essa população e sua inserção ao meio social. A feminização de envelhecer nos apresenta idosas como agente de mudanças sociais, tais como: a maioria são chefes de família, viúvas, cuidadoras e estão ocupando cada vez mais espaços públicos (bailes, programas de assistência social, universidades) e buscando novos conhecimentos e novas experiências de vida (NERI, 2014).

Os dados estatísticos, em um primeiro momento, nos parecem trazer uma visão otimista do envelhecer feminino, especialmente do ponto de vista da maior longevidade da mulher. Entretanto, apesar de muitas conquistas, ser mulher e velha na atualidade representa uma dupla estigmatização e violência. Segundo a interpretação de Salgado (2002, p. 9): “A mulher idosa é universalmente maltratada e vista como uma carga. É parte de uma maioria invisível cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, ignoradas”.

A autora (idem) afirma, ainda, que a imagem de velhice desperta uma aversão aos mais jovens em relação ao envelhecimento, tanto por seus desafios físicos quanto sociais, culturais e econômicos, construindo assim uma sociedade orientada para a juventude, sexista e ageísta.

Nosso objetivo com este trabalho, que é parte de uma pesquisa de Doutorado em Psicologia, foi analisar as narrativas de mulheres idosas, participantes de um projeto de Universidade Aberta à Terceira Idade do interior paulista, sobre suas experiências no envelhecer, buscando tecer uma reflexão crítica sobre as vivências do envelhecimento

feminino, seus efeitos – seja no corpo e também na subjetividade – e desafios enfrentados no contemporâneo.

## MATERIAIS E MÉTODOS

De abordagem eminentemente qualitativa, este trabalho reúne narrativas de idosas colhidas em intervenções nas Oficinas Terapêuticas que se realizaram com participantes da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) realizados na UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), campus de Assis-SP. Cabe ressaltar para fins éticos que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o CAE 774708817.6.0000.540.

As Oficinas Terapêuticas, realizadas por discentes do curso de graduação em Psicologia e supervisionadas por uma docente do curso, fazem parte da programação de atividades da UNATI com o nome “Encontros com a Terceira Idade” e têm como objetivo construir um espaço coletivo para troca de experiências e cenário para expressões e anseios acerca da velhice. Oficinas são estratégias de promoção de saúde, auxiliando no processo de envelhecimento tanto no que condiz aos seus desafios bem como em descobertas de potencialidades, especialmente no contexto grupal (DEBERT, 2004; YASUDA, SILVA, 2010; CORREA, JUSTO, 2010; CORREA, JUSTO, ROZENDO, 2013;).

Reunimos neste espaço narrativas de mulheres idosas<sup>1</sup> no tangente ao envelhecimento de seus corpos. Tais trechos de histórias foram compilados durante a realização de oficinas durante o ano de 2017, as quais são descritas e analisadas sob o viés do diálogo entre psicologia, antropologia e ciências sociais na sequência. Este caminho metodológico viabilizou que experiências, sentidos e significações fossem apresentados e interpretados. O recurso metodológico da narrativa permite ao pesquisador aliar ao seu tema de pesquisa uma concepção de indivíduo e de ciência, considerando-o como um “construtor de significados” (HENRIQUES, 2000).

Um dos efeitos da passagem do tempo pode trazer é contornar caprichosamente os corpos, imprimindo-os rugas, lembranças, marcas, cicatrizes. Mudanças concretas de um tempo que também é simbólico e complexo, tal como os questionamentos de Graça Maria<sup>2</sup> (66 anos, uma das participantes de nossa pesquisa): “*Como aprender a envelhecer? Esse*

---

<sup>1</sup> Utilizamos a terminologia “idosas” para mulheres com 60 anos ou mais.

<sup>2</sup> Os nomes das participantes são fictícios a fim de preservar eticamente as mesmas.

*processo de velhice é triste! Qual a beleza da pele enrugada? Mas pra mim o grande aprendizado é não se comparar, querer ficar adaptando o corpo a um modelo de juventude, de beleza, acho que o grande pecado da humanidade é a velhice”.*

Como apresentado na fala da participante, os efeitos do tempo tornaram-se sintomas para nossas entrevistadas, dentre tais, foram unânimes as prerrogativas que associavam o envelhecimento corporal a questões discriminatórias e preconceituosas. Após muitas análises, nos questionamos: quantos desafios a subjetividade feminina enfrenta ao longo da vida? Essa questão nos levou a refletir acerca das temáticas do envelhecimento, do feminino e dos processos de luto – sejam concretos ou simbólicos – frente a uma sociedade contemporânea que cultua a juventude.

### **Discussão e Resultados**

Perdas e ganhos no processo de envelhecimento são questões que envolveram e afetaram muito as participantes.

As narrativas de Sandra (72 anos) e Marina (64 anos) imprimem e reproduzem discursos produzidos sociais e culturalmente de uma velhice permeada por dissabores e sofrimentos, definindo o envelhecer com perdas intensas e frequentes:

*“O meu envelhecimento, pelo menos hoje como eu vejo, como eu me preocupo muito de como as pessoas estão me vendo e o que pensam de mim como velha”. E, de acordo, com Marina: “Me identifico muito com mulheres que são guerreiras, mas no fundo ainda tenho muita insegurança com o envelhecimento, não queria ficar velha, chorei muito, por que quem quer uma velha por perto?”.*

Indagamos se equalização entre perdas e ganhos pode ser possível. Se de um lado alguns atributos são perdidos outros só podem ser somados através da experiência vivida em anos, como nos conta Ivete (71 anos) sobre suas vivências: *“Sou muito mais feliz e livre na velhice. Minha juventude, casamento e vida adulta foram de proibições e agora sou livre e essa liberdade me faz ver beleza no meu corpo envelhecido”.* Torna-se importante ressaltar que Ivete também falou de limites e perdas, contudo, com o passar dos anos, pôde simbolizar e interpretar os sinais do envelhecimento.

O envelhecimento masculino e o feminino são vivenciados de maneiras distintas, ainda que vivam em um mesmo contexto social e cultural. Mas podemos observar que as experiências do envelhecer feminino se tornam mais complexas e problemáticas do que a de

homens velhos. Tal questão também nos traz registros históricos de padrões de beleza e culto à juventude impostos desde a infância de nossas entrevistadas, onde cabe a mulher obedecer ao imperativo de não envelhecer, recorrendo a produtos e procedimentos que lhe garantam uma aparência bela, ou seja, uma aparência jovem. Fatos estes que foram comprovados e elucidados pelas participantes de diferentes faixas etárias: *“Os homens se ficam com o cabelo branco, está charmoso. Se a mulher ficar está desleixada, doente, feia. A cultura é machista e com velhos é pior”* – Ana Maria, 68 anos.

O tom de pesar impregnado na voz de Virgínia (65 anos) ao pronunciar sua experiência, nos alerta para a violenta reprodução de discursos que caracterizam o corpo envelhecido enquanto abjeto e também para o sofrimento causado pela ditadura da beleza jovial: *“Um homem me olhou e disse: ‘você está velha e feia, era tão bonita’. Somos cobradas pelos outros, pelo social, use isso, use aquilo, mas não me perguntam se estou me sentindo bem...”*

Ivete, Graça Maria, Virgínia, Sandra e Marina (assim como tantas) são retratos de uma sociedade ageísta, que desencanta os corpos de sua potências simbólicas visando códigos de “boa aparência”. De acordo com Sibilía (2014), apesar de tantas evoluções e aumento da expectativa de vida “novos tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso (...). As rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (SIBILIA, 2014, p. 83).

Os olhares e falas de Graça Maria (66 anos) nos fazem questionar o quanto é o olhar do outro – seja um indivíduo ou até de uma sociedade – que lhe atribui o envelhecer. Como já nos apontou Simone de Beauvoir (1990), velho “é sempre o outro”, ou seja, é o exterior que nos demarca enquanto envelhescentes e, ainda ressaltamos, o quanto este olhar pode ser estigmatizante e estereotipado. Assim nos relata a participante da pesquisa: *“As rugas são sociais, tenho sempre alguém que me coloca no lugar de velha, não no lugar de respeito, mas de defeito”*. As histórias de Graça nos auxiliam a contrapor o quanto as experiências de envelhecer são singulares, em que cada uma imprime seu universo interno, mas também de forma múltipla, em que a realidade objetiva se concretiza. O estranhamento de se “ver” envelhecida se dá justamente pelo desencontro entre as realidades interna e externa. (BEAUVOIR, 1990).

Além de imperativos do mercado da beleza, as mulheres também são marcadas por imperativos da indústria da moda que fragmentam seus corpos com *looks* que são

precisamente estipulados a cada faixa etária. Mirian Goldenberg (2014) aponta que estamos em uma fase de transição de conceitos e costumes, mas que as marcas deixadas por tais preceitos ainda devem ser combatidas por muitos anos. Sandra (72 anos) e Marina (64 anos) nos contaram: *“Não tem moda para idosas, para a terceira idade. O que tem é tudo que não combina, como se não precisássemos de roupa”*, Marina concorda: *“O que tem é roupa de vó, e vó usa qualquer coisa”*.

E nossas participantes representantes da velhice transmitiram o quanto o envelhecimento belo, saudável e prazeroso é possível. Nas palavras de Ivete (71 anos): *“Meu corpo gordinho me mostra o quanto sou feliz hoje, e o quanto no envelhecimento que conquistei minha liberdade e o prazer em viver de acordo com o que quero, com minhas escolhas”*. Já Graça Maria (66 anos) encontrou na velhice seu conceito de beleza: *“Tem dias em que eu acordo e me olho no espelho e penso ‘estou bonita, aliás, acho que o tempo me fez bem, estou muito bem hoje’”*. Suas falas vão de encontro com pesquisas (GOLDENBERG, 2014; NERI, 2013; VERAS, 2014) que militam e consolidam o processo de envelhecimento com olhares transformadores, capazes de buscar soluções, políticas públicas e alternativas para a conquista do bem-estar de velhas e velhos brasileiros. Afinal, assim como poetiza Ivete:

*“Temos que agradecer por chegar a velhice, antes eu só tinha necessidade, agora tenho vontades... os contratempos me ensinaram que idade é apenas número... encontros, satisfação. Não tenho tempo para rugas”*.

### **Considerações Finais**

Almejamos com esse trabalho reunir narrativas de mulheres idosas a respeito do envelhecimento corporal e com elas interpretar e realizar uma análise crítica dos preceitos difundidos sobre a velhice no contemporâneo, dos aspectos concretos aos simbólicos. Através de vivências e experiências foi possível apreender o quanto a sociedade e a cultura reproduzem um discurso normatizador, excludente e estigmatizante para mulheres, e em especial idosas. Cabelos brancos, marcas de expressão, ter a pele mais flácida podem trazer surpresas e sustos, mas o olhar do outro, como nos assevera Beauvoir (1970) é que deixa marcas profundas na subjetividade. Ou seja, no contemporâneo, envelhecer é um sintoma a ser combatido.

O corpo, para algumas ciências e para a indústria do consumo, seguem um padrão estético de perfeição e jovialidade que destroem e encarceram subjetividades e, principalmente, não aceitam as velhices, que por sua vez são estigmatizadas e colocadas à margem da sociedade. Como nos traz uma participante: “*O pecado da humanidade é envelhecer*”. Almejamos ainda que tais narrativas sejam ouvidas por profissionais e ciências atentas ao cuidado de uma velhice digna e respeitada, sem pecados e preconceitos.

## Referências

BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAMARANO, A. A. Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, IPEA, p. 35-64, 2003.

CORREA, MR. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85- 7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 1, n. 2, dez. 2010, p. 249-256.

\_\_\_\_\_; JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S. *Os desafios da Psicologia frente ao envelhecimento populacional*. In: EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. A Psicologia e seus campos de atuação: demandas contemporâneas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 15-50.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 1999.

DEBERT, G.G. Gênero e envelhecimento. *Estudos Feministas*, 2 (3), pp. 33-55, 2004.

GOLDENBERG, M. (org). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. 2 ed. Rio de Janeiro:

HENRIQUES, M. *Narrativas e agorafobia: construção e validação de uma narrativa protótipo*. Dissertação (Doutoramento em Psicologia)–Universidade do Minho, Braga, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Resultados da Amostra do Censo Demográfico*. (2010). Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: juh. 2018.

NERI, A. N. *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas: Alínea, 2014.

POCAHY, F. A Idade: um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. *Polis e Psique*, Vol.1, Número Temático, p. 195-210. 2011.

SALGADO, C. D. S. A mulher idosa: feminização da velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In: *Revista Comunicação, Mídia e Consumo* (São Paulo. Impresso), v. 9, p. 83-114, 2012.

TÓTORA, Silvana. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. *Revista Kairós : Gerontologia*, [S.l.], v. 11, n. 1, jan. 2010. ISSN 2176-901X. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2509>>. Acesso em: 24 out. 2018.

VERAS, R. *Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações*. In: VERAS, R. (Org.) *Velhice numa perspectiva de futuro saudável*. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001, p. 11-32.

YASSUDA, M. S.; SILVA, H. S. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 27(2), 207-214, abril – junho 2010.



[Redacted text block]

[Redacted text block]